

# O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

MUNICIPIO DE BARCELLOS  
BIBLIOTECA

ANNO II

## Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.  
Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 28, Bar-  
cellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida fran-  
ca de porte.

DOMINGO, 20 DE DEZEMBRO

— DE 1891 —

## Publicações

Anuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal  
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % An-  
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um  
exemplar.

N.º 94

SABADO, 19

## REMAR CONTRA A MARÉ

Não correm os tempos de feição para a saúde do ministerio.

De uma organização de-feituosa, a sua vida não pode ser longa, porque allí ha leção, que, mais tarde ou mais cedo, o levará á sepultura; sendo para lastimar, que o paiz não tenha de occupar se na encomenda de cordões, para lhe depôr sobre o tumulo, a significar reconhecimento e gratidão.

O ministerio entrou em maio, no mez das flores, e essas flores transformaram-se em espinhos para o paiz, que se prepara para lhe entoar o *memento* nos mezes das folhas secas! Triste!...

A maioria da camara dos senhores deputados votou uma moção de confiança ao governo; não duvidamos, que a maioria da camara deposite toda a sua confiança em um ministerio, que publica decretos dictatoriaes mesmo com as camaras reunidas, abertas e em exercicio das suas funcções; o que significa, quando menos, pouca confiança na camara e nenhuma consideração para com ella; mas a camara, não obstante este procedimento do governo, *tem confiança no governo!*

E' a isto o que se chama offerer a face esquerda á bofetada, depois da direita ter sido esbofetada!

E como se pode tomar a sério a maioria d'um parlamento n'estas condições?

Um illustre deputado, o sr. Eduardo de Abreu, apresentou na sessão de 15 um projecto de lei para que fosse reduzido a 1:500 reis diários o subsidio aos srs. deputados da nação, e reduzido a metade o abono, que elles tem para viagem.

Justo, justissimo, é o alvitre do illustre deputado. Pois se o governo não precisa das camaras para legislar, para que ha-de estar o paiz a gastar rios de dinheiro com os chamados representantes da nação, quando elles não representam senão a vontade dos ministros? E quando os ministros, pelos seus decretos dictatoriaes com o parlamento aberto, mostram que não tem confiança mesmo na sua maioria, e esta, em seu desaggravo, por grande numero de

votos, vota uma moção de confiança no governo, para que é, que o paiz ha-de pagar 1:500 reis por dia a cada deputado? Para quê!

Que é o que tem feito essa maioria nos 19 dias, que já se passaram de sessão parlamentar? Nada. Ergo, nada deveria receber cada deputado.

Pois se a maioria tem toda a confiança no governo, posto que este vae legislando sem se importar com o parlamento, o paiz é que não tem confiança nenhuma n'um governo, que, sendo chamado ao poder pelas urgencias do thezouro reclamarem economias, e pela corrente que exige uma vida nova, nem tem feito as economias que o thezouro pede, nem iniciou uma vida nova, que a corrente reclama, pede e exige.

Pena é, que o governo não possa continuar no poder; e não pôde, porque se tem divorciado com os principios em nome dos quaes foi chamado para as cadeiras ministeriaes; e não pôde, porque, além de continuar a crear nichos para afilhados, quando o paiz reclama córte profundo em os nichos já creados, falsea o sistema monarchico-representativo; compromette as instituições e desconsidera o paiz nas pessoas dos seus representantes, embora estes não se queiram compenetrar da alteza da sua missão, e da significação dos seus diplomas.

O paiz não pôde ter confiança no governo, porque este não tem confiança no paiz quando legisla dictatorialmente estando reunidos os representantes da nação; porque não tem feito economias, quando o paiz as reclama unisonamente; porque caminha pela estrada dos esbanjamentos, creando logares para afilhados, vivendo sempre a mesma vida velha, condemnada, quando a corrente quer uma vida nova, vida d'economias, vida de justiça, de moralidade e de exempções de tutellas partidarias.

Se o governo não pôde, pela sua organização anormal, satisfazer ás exigencias da corrente popular, largue as cadeiras, porque está a remar contra a maré.

## DECLARAÇÕES PROGRESSISTAS

Damo: hoje este logar ás declarações feitas na camara dos pares pelo illustre chefe do partido progressista. São uma exposição franca, clara e sincera, feita sem nenhuns pruridos partidarios e a que preside incontestavelmente um pensamento superior apenas inspirado pelo patriotismo e pela aspiração de bem servir o seu paiz, não levantando difficuldades a adversarios e procurando até cooperar com elles desinteressadamente e com plena isenção.

Resumimos em seguida o discurso acabado de proferir, e que é uma patriótica e liberalissima profissão de fé:

Disse o sr. José Luciano de Castro que na gravissima situação, que vamos atravessando, não vinha ao parlamento levantar a questão de fazenda nem dirimir responsabilidades. Haverá tempo para tudo. Agora o que queria unicamente, porque julga isso indispensavel ao bem publico, é que o governo declare franca e lealmente ao parlamento o estado da fazenda publica e os meios, com que conta, para vencer a crise que atravessamos, e que cada vez se vae agravando mais. Deseja que o governo, que tanto rebaixou o parlamento, exigindo-lhe em nome da salvação publica, auctorisções larguissimas e illimitadas, sem mesmo se occupar depois em dar conta do uso que d'ellas fez, venha pedir a cooperação d'esse parlamento, que apesar de tão rebaixado ainda é o representante supremo do paiz, e que venha enfim partilhar com elle as responsabilidades da solução da gravissima questão economica e financeira, que representa o credito e a vida do paiz.

Disse com inteira franqueza e lealdade, que não era amigo do governo, accrescentando que o partido a que pertencia não estava representado n'aquellas cadeiras, e que não só tinha feito, como havia de fazer opposição a todos os actos que julgasse irregulares, mas que na questão de fazenda, abria uma excepção necessaria, sendo n'esse ponto essencialmente ministerial. Seria até uma falta de patriotismo levantar, em tal assumpto, estorvos ao governo, quando elle está lutando com gravissimas difficuldades. O que queria, porém, era que o parlamento e o paiz soubessem o estado em que a fazenda publica se achava, e que é indispensavel.

Faz depois ao sr. ministro da fazenda as seguintes perguntas:  
1.º Qual é n'este momento a

situação do thezouro? Sem minucias, mas o bastante para se saber os recursos de que dispõe e aquelles com que conta para o equilibrio financeiro.

2.º O estado da divida fluctuante, por isso que a nota d'ella não se tem publicado ha bastantes mezes.

3.º A importancia a que tem chegado a circulação fiduciaria no paiz.

Feitas estas perguntas, disse o sr. José Luciano que deixava ao governo a faculdade de apreciar se as suas respostas serão agora opportunas ou não, e se elle entender que ha inconveniente em responder agora a qualquer d'ellas, não teria duvida em esperar por occasião mais opportuna.

O que queria era que acabassem os mysterios de que se rodeia a questão financeira, porque o paiz e o parlamento tem o direito de saber o que se passa, e, tanto quanto seja possivel, o que se lecciona fazer. E queria principalmente, disse elle ainda, que quando o governo tem a tratar de um questão tão grave e tão vital como esta, não se entreteinha em fazer politica mesquinha e de caprichos pueris, porque o momento era grave.

Na rua ha socego, mas a agitação vae nos espiritos. Não se illudam com esse socego apparente, porque a revolução anda latente, e a revolução da fome é a pior de todas.

Para a conjurar é preciso que o governo diga francamente o estado em que se acha a situação financeira, para que com o auxilio de todos se possa vencer a grande crise.

Para se vencer é indispensavel que se entre larga e desasombadamente em um caminho de economias, mas economias reais e que toquem a todos, e não só economias para produzir effeito de momento, sem o menor resultado pratico. E se for preciso pedir mais sacrificios ao paiz, é preciso poder-lhe dizer e dizer aos nossos credores que estamos fazendo economias sérias, e que entramos em um periodo de boa, séria e sensata administração. Só assim é que poderemos reconquistar o nosso credito e a nossa prosperidade.

Mas isto carecia de ser feito já, porque a situação vae-se agravando; se continuarmos na mesma, já poderá ser tarde quando quizermos accordar.

Este notavel discurso cheio de bom senso e de patriotismo, produziu grande sensação na camara, recebendo o orador muitos e repetidos apoiados.

Na occasião em que fechamos este artigo, vae responder o sr.

ministro da fazenda, cujo discurso não podemos inserir por causa do adiantado da hora.

## A CRISE INTERNA

As intimas relações que temos com o Brazil faziam suppôr, desde o começo da crise economica e monetaria, aggravadas por effeito da crise financeira, que ha tanto tempo tem posto em risco o futuro do paiz, que logo que melhorassem as condições do Brazil auxiliassem os esforços que temos empregado para debellarmos a temerosa crise que atravessamos. Suppunha-se que uma simples mudança favoravel no cambio do Brazil seria sufficiente para aplanar as mais graves difficuldades da crise monetaria.

E' certo que a crise constitue um problema muito complexo e que por isso a mudança de condições do mercado brasileiro não seria por si sufficiente para nos dar a solução d'esse problema. No entanto não é menos certo que, se as condições do Brazil melhorassem, esta mudança havia de reflectir-se favoravelmente no paiz, de forma a tornar menos embaraçoso o caminho para a solução das nossas mais urgentes necessidades do momento. E' sabido que no Brazil existem avultados capitales, que allí se conservam unicamente á espera de cambio mais favoravel. O mesmo diremos com relação ás nossas exportações de fazendas para o Brazil, que não podem fazer-se nas condições actuaes.

Posto isto é facil de calcular a dolorosa impressão que tem causado no paiz as noticias do aggravamento das difficuldades porque está passando o Brazil. As ultimas noticias tem caracter de tanta gravidade que, a serem verdadeiras, não podemos esperar d'ahi auxilio algum, pelo menos durante um bem longo periodo, na melhor hypothese.

Por outro lado a crise, quasi geral, porque passam os mercados da Europa, cerram em volta das nossas difficuldades de toda a ordem um horizonte tão escuro, que infelizmente quasi não podemos esperar auxilio algum estranho, principalmente n'esta occasião, em que temos perdido quasi todo o nosso credito.

N'estas circunstancias a promessa feita ha pouco pelo ministro da fazenda perante a camara da solução da crise monetaria n'um periodo de dois mezes passa, na bocca dos benevolentes, por uma expansão da sua boa vontade, que não pôde ter realidade possivel, e na critica des pessimistas é tida por

uma transparente artimanha posta em jogo para encobrir a gravidade da situação.

Esta hypothese parece ter todos os indícios de verdade, por que o nobre ministro não revelou os elementos, com que contava para resolver a crise, e por outro lado é certo que, tendo o governo satisfeito os compromissos do thesouro, ainda não revelou os segredos da administração, pelos quaes pôde occorrer ás despesas quando o thesouro se achava exaustivo. Se juntarmos a isto o extraordinario abuso da circulação fiduciaria, parece que a desconfiança, que esta anormal situação vae produzindo, tem fundamentos, infelizmente bem justificados.

O receio d'uma próxima derrocada geral é a nota predominante na opinião sensata da grande maioria do paiz.

Na camara alta tem sido insistentemente provocado o governo, e especialmente o ministro da fazenda para explicar os segredos da situação financeira e, apesar de todos os esforços, nada se tem conseguido saber acerca d'este gravissimo problema, o que vem confirmando os motivos da geral desconfiança. Perante a solemnidade do perigo, os partidos emmudecem e não ha quem pretenda tomar a responsabilidade d'umaliquidação franca e nitida dos elixires salvadores do sr. Marianno de Carvalho. Esta attitude dos partidos nas duas camaras do parlamento fez com que um digno par definisse a situação do medo declarando que se acha dado para ordem permanente do dia nas discussões parlamentares o silencio.

A conjuntura é grave, e gravissimas são as responsabilidades d'esta incapaz situação nephelibata, que tem presidido aos destinos do paiz arranjando o partido e os amigos e cavando a ruina da nação.

**SCIENCIAS E LETTRAS**

**LITURGIA**

Quando o dia de Natal incide n'uma sexta-feira ou no sabbado, pôde n'esses dias comer-se carne: haverá alguma disposição em direito, que auctorise um tal costume, geralmente admitido em toda a Egreja?

Auctorisa-o a Decretal no L. 3, tit. 46, cap. 5., em que Nicolau I diz aos Bulgaros, que, *secundum consuetudinem Ecclesiae universalis* (palavras do mesmo Pontifice) podem os fieis pela excellencia da festa, comer carne na sexta-feira ou sabbado, se n'estes dias se celebrar o Nascimento do Senhor.

Isto mesmo se deduz do cap. 3.º do Papa Honorio III e do Decreto de Gregorio VII (cap. 8, part. 3, dist. 5, can. 31, in synodo Romae celebrata, anno 1078.) O Decreto de Greg. VII supr. cit. fala tão sómente, quando a Natividade do Senhor incidir ao Sabbado.

A Constituição do nosso Arcebispo expressa-se assim:

«Declaramos etc, que quando a festa do Natal caia em sexta-

feira ou sabbado, se poderá comer carne, conforme o costume geral por reverencia do nascimento de Christo Nosso Senhor, e por a grande solemnidade de tal dia» (Const. tit. 10.º, const. 3.ª) A Constituição do Porto (a pag. 197 constituic. III, impres. de 1687) diz o mesmo.

Póde tambem, entre outros, ver-se Joannes Clericus, (pag. 115, cap. CX., Tom. 3.º) que fallando da abstinencia das sextas-feiras e sabbados, diz assim: *nisi in eis acciderit dies Natalis Domini.—nisi in hanc diem* (diz Gury, fallando da abstinencia da sexta-feira) *incidit Nativitas Domini; e, fallando da abstinencia do Sabbado diz: nisi legitima consuetudo alicubi in alio tempore aliud praescribat.*

Não pólem porem, comer carne aquelles que por voto, estão obrigados a jejuar n'estes dias, assim como os que por observancia regular estão igualmente obrigados ao jejum n'estes mesmos dias, como está declarado em direito. *Cotonius et alii.*

—Será permittido no dia de Natal collocar sobre o altar, para a missa da meia noite, a Imagem do Menino Jesus?

Segundo o Decr. da S. C. dos Ritos de 15 de fevereiro de 1873, permittit-se collocar sobre o altar, ao pé da cruz, uma imagem do Menino Jesus, excepto o caso de estar exposto o SS. Sacramento, que então, pôr-se-ha esta imagem n'um outro altar, como o declarou para Lisboa, a S. C. dos Ritos pelas pallas seguintes:

*Non esse tolerandam consuetudinem, et exponi poterit Imago Divini Infantis in alio Altari. Die 7 februarii 1874.*

Tambem é abuso, condemnado pela S. Congr., collocar a Imagem do Menino Jesus (ou outra qualquer, ainda que seja a do Padroeiro da Egraja) no ultimo degrau superior do throno da exposição, onde se costuma collocar a Custodia, fóra do tempo da mesma exposição. S. R. C. Die 19 Septembris 1883.

—Quando a Imagem do Menino Jesus estiver exposta no altar, deverá esta ser incensada depois que o Celebrante tiver incensado a Cruz?

Deve ser incensada n'esta occasião com tres ductos segundo o decreto da S. Congregação de 15 de fevereiro de 1873.

Tambem deve a mesma Imagem ser incensada, quando no fim da primeira missa do Natal, se cantam laudes e se incensa a Cruz e o altar.

P. Fernandes.

**O CASAMENTO**

Entre todos os costumes da grande familia chinesa, o estrangeiro encontra um tanto ou quanto de mysticismo, que lhe prende a attenção e obriga a reparar em tudo, e a achar-se acommetido d'uma vontade irresistivel de tudo querer profundar e saber.

O casamento entre os chine-

zes é sem duvida um dos costumes a que o europeu, vendo o desfilar de um grande cortejo de charolas, não poderá ficar indifferente e não indague quanto n'este acto ha de romantico, pi-careasco e esquisito.

E' costume entre os chinezes ajustarem o casamento para seus filhos quando estes tem apenas quatro a cinco annos de idade, servindo em geral esta especie de contracto, para mais vincular os laços de amizade entre duas familias amigas.

No dia do ajuste é uso trocar entre os paes uma prenda o que serve como que de prova, para authenticar o futuro enlace. Apenas os noivos chegam aos quatorze ou quinze annos, os paes dão-lhes conta da sua vontade e do que por elles ajustaram. Tem logar por esta occasião o offerecimento de uma prenda á noiva, prenda que o noivo envia por intermedio da mulher que se emprega n'estes negocios, a que chamam *casamenteira*.

E' por esta occasião que começa para a casamenteira o desempenho da sua missão junto da noiva. Ao entregar a prenda de que é portadora não perde o ensejo de a encarecer e dizer para lisonjear a noiva, que é digna de uma rainha, e que um principe podia fazer offerta igual, etc.

Depois d'esta entrevista, parte a casamenteira a dar conhecimento à familia do noivo da maneira como foi recebida, elogiando muito os dotes pessoas da noiva, jurando que nunca viu mulher mais bella, que ninguem poderá exceder-a em belleza, elegancia de fórmis, intelligencia, etc,

Vae segunda vez a casamenteira a casa da noiva, onde faz os elogios possiveis e imaginaveis do noivo, acabando por convencer-a a conformar-se com o que seus paes fizeram.

Depois de apanhado o sim, por vontade ou por força, volta a casa do noivo dar-lhe conta da boa nova, pelo que é cheia de presentes.

Ainda pertence á casamenteira ir a casa da noiva dar lhe conta do dia resolvido para o consorcio, noticia que ella recebe com grande gritaria e lamuria. Depois de marcado o dia do casamento, a noiva, vae ao Pagode da sua devoção, para pedir aos deuses, que deem a seu futuro marido, genio bondoso, espirito lucido, indole economica.

Finda esta cerimonia e convicta de que o noivo terá as qualidades que lhe deseja, recolhe-se a casa, onde leva dias e noites lamentando-se no seu quarto pela mudança de estado e abandono do lar paterno, e só cessa esta gritaria no dia em que a casamenteira vae convidal-a a preparar-se para partir para casa do noivo.

A' hora marcada sae de casa do noivo o immenso e esquisito acompanhamento que deve conduzir a noiva.

Conforme a fortuna do noivo, assim é o cortejo, sendo certo, que rico ou pobre, n'esse dia

imagina-se um grande potentado, não se fallando em necessidades n'esse dia, reputado um dos de maior regosijo.

No cortejo vae uma cadeira lechada em fórmis de torre quadrada, toda muito bem trabalhada e dourada, cheia de figuras symbolicas, destinada a conduzir a noiva. Segue a cama dos noivos, onde muitas vezes se vê a finissima seda e se admiram primorosos bordados a finissimo fio de ouro. Depois um sem numero de musicos que fazem um barulho infernal, augmentado ainda com o estalar do fogo chinez que por esta occasião é queimado com profusão.

Enfim tudo o que é necessario para mobilisar uma casa e iguarias precisas para uma infinidade de comensaes, figura n'este cortejo, muitas vezes imponentissimo.

Logo que a cadeira da noiva se aproxima da casa do noivo, pára á porta, espera que todo o cortejo de charolas se disponha em ordem a seguir-a apenas entre, o que não é feito sem que a casamenteira esteja presente e o noivo bata com o leque na porta da cadeira, signal que indica aceitar a noiva que lhe enviam. Depois d'esta indicação é a noiva transportada da cadeira para casa ás costas da casamenteira que vae apresental-a aos paes do noivo.

Finda esta cerimonia começa o banquete, que dura ás vezes dias, para o qual, se collocam grandes mezas nos logares mais amplos da casa, nos pateos e muitas vezes na rua, por cima das quaes se vê com profusão, carnes, uma variedade infinita de doces, fructas, etc.

Durante o jantar é a noiva obrigada a comparecer, o que ella faz, vindo com o rosto perfeitamente velado por um veu escarlata, veu que tem de tirar para satisfazer ás primeiras exigencias dos convidados. Apenas ella se descobre recebe de todos os lados os gracejos dos comensaes, gracejos ás vezes bastante apimentados e até indecentes.

E' dever da noiva mostrar-se satisfeita e jovial para todos e quanta mais paciencia tiver para supportar todas as judiarias que lhe fizerem, tanto melhor se torna aos olhos do noivo e parentes, o que obriga a infeliz a soffrer a mais infame troça, que a deixa deveras vexada, ainda que aparentemente pareça satisfeita.

No dia seguinte pratica o acto de submissão para com os novos paes; submissão que consiste em ir offerecer-lhes agua para se lavarem, e com isto termina a ridicula scena do casamento entre os filhos do celeste imperio.

M. AFFONSO.

**RELIQUIAS**

Guarda a Julia os madrigaes Do seu namoro primeiro N'um cofresito ligeiro Como os chalets orientaes.—

Para vel-os, devagar Ergue-se á noite, com medo De que o profundo segredo Alguem lhe possa quebrar

E sente, enquanto medita N'esses versos, um prazer Lumenso que faz crescer A sua graça infinita;

Pois os labios lhe reveste D'um pequenino sorriso, E se reflecte indeciso Nos olhos d'azul celeste.

Mis quando os vai encerrar No cofre cheio d'encantos, Como reliquias de santos Entre os doirados do altar,

A's vezes... nos olhos seus Uma lagrima apparece, A deslizar como desce A clava do azul dos céus.

II

As esperanças, tambem, Cheias de casta doçura, Sepultadas na caixa escura Do passado, ainda vêm,

Muitas vezes, uma e uma Despontar na phantasia Canso ao pé da penedia Das ondas mortas a espuma.

E quem no peito as conteve E depois as viu fugir: Olha-as então a sorrir Como n'um sonho bem leve.

Findo, porém, o lethargo, E quando o tedio já sente Magual-o novamente Deirama então pranto amargo,

Como a Julia ainda chora O cofre cerrando, donde Os pobres versos esconde Do namorado d'outrora.

CAMILLO PESSANHA.

**PUBLICAÇÕES**

Recebemos :  
—O n.º 75, t. 3.º do 3.º anno da *Agricultura Portuguesa*.  
—O n.º 32 do 9.º anno da *Gazeta de Pharmacia* correspondente ao mez de novembro.  
—A *Dosimetria*, revista mensal do Porto.  
—O *Progresso Catholico*, de Guimarães; A *Revista Catholica de Vizeu*; O *Amigo da Religião*, de Braga; O *Charivari*, semanario humoristico de Lisboa; O *Sorvete*, semanario de caricaturas do Porto; a *Gazeta de Pharmacia*, orgão do corpo pharmaceutico do Porto.  
—Do estabelecimento de Horticulura da Viuva Zeferino do Mattos do Porto, á rua da Boa-Vista, o *Supplemento* ao catalogo geral de plantas. Recommenda-mol-o principalmente aos amadores de roseiras, onde têm uma quantidade consideravel para formarem as suas colleções, o que podem conseguir por mui modico preço. As suas roseiras, indicadas no supplemento, são importadas directamente da Inglaterra e França.

**LA' POR FORA**

Bismark

Corre nos circulos politicos de Berlim, como affirma o *Hamburger Nachrichten*, que o principe de Bismark não só se apresentará no *Reichstag* mas provocará explicações sobre a sua demissão de chanceller do imperio.

O jornal d'onde copiamos esta noticia acrescenta:

«Bismark não teve nunca ve-

dadeiro patriotismo, mas sómente um desmedido egoismo. Custou-lhe a sacudida dada pelo joven imperador Guilherme I

OS PAPAS E A MAÇONARIA

O sr. Floquet disse ha dias no parlamento francez que o pontifice Pio IX reconhecera a maçonaria, da qual fizera parte.

A este respeito suscitou-se uma questão na imprensa franceza, e o «Figaro», de 13, evoca, transcrevendo-o do numero de novembro de 1874 do «Mundo Maçonico», o seguinte artigo do sr. Cochet, antigo prefeito da policia municipal e, em sua vida, um dos dignitários da maçonaria:

Muitos jornaes têm reproduzido a seguinte carta:

«Segundo as «News-Masonis», a grande Loja maçonica do rito escocoz, do Oriente de Palermo, expulsou da confraria, em 27 de março ultimo, Mastai Ferreti, coronado papa e rei sob o nome de Pio IX, e que, em seguida, maldiz e excommunga seus irmãos. O decreto traz a assignatura de Victor Minoel, rei da Italia, grão-mestre do Oriente da Italia. Uma copia em forma foi enviada ao Vaticano.

«A grande Loja intimara muitas vezes o papa a ir ás reuniões, afim de justificar a sua conducta. Mas, não obtendo resposta alguma, a grande Loja resolveu definitivamente o nome de Mastai Ferreti da lista dos seus membros.»

Isto não pôde ser tomado a serio por quem conheça a nossa instituição. Abundam ahí os erros os mais estanhos. Primeiro, manda a verdade que declaremos que nada auctorisa a crer que o chefe da Igreja catholica haja sido iniciado na Maçonaria, e pelo contrario todos os informes levam a pensar que elle o não foi jámais.

Quando a noticia do que Pio IX pertencera á Maçonaria se espalhou no mundo, circularam muitas versões acerca do logar e epoca da sua iniciação. A mais acreditada foi a que os maçons de Massia publicaram em 1865, e que o «Mundo Maçonico» transcreveu do «Humanitario» no seu numero de agosto de 1868.

Segundo ella, Pio IX teria sido iniciado na Filadelfia, durante uma viagem que fez á America em 1823-1824. Dizia-se que fora um maçon muito assiduo, muito activo, e que os nossos irmãos da Filadelfia conservavam ainda, como tesouro precioso, grande numero de documentos e de autografos de Mastai Ferreti, os quaes eram mostrados aos visitantes.

Essas asserções são affirmativas acerca da entrada de s r verificadas. Foi o que fez com effeito, ha já alguns annos, o director do «Mundo Maçonico», dirigindo-se á grande Loja da Pensilvania, cuja sede é mesmo na Filadelfia. Eis a resposta que recebeu: Sr e irmão—Conforme o vosso pedido, examinei os registos e não encontrei o nome João Maria Mastai Ferreti na qualidade de membro de nenhuma Loja d'esta jurisdicção, ou como tendo sido recebido maçon em alguma d'ellas.

O nome mais aproximado que achei foi o de Martin Ferreti, que foi recebido maçon no anno de 1819, na extincta Loja n.º 517, estabelecida na Havana, Cuba, sob a obediencia d'esta grande Loja. Fraternalmente vosso

HON. RICHARD VOUX, JOHN THOMSON. Grão-mestre dos maçons Grande secretario da Pensilvania.

Estabelecido este ponto essencial, é talvez inutil fazer notar:

1.º que Victor Manoel não era grão-mestre, nem do Grande Oriente da Italia, nem de grupo algum da maçonaria italiana;

2.º que o jornal «News-Masonis» é completamente desconhecido.

Podiamos ainda acrescentar que a jurisprudencia maçonica não é de modo algum conforme á indicada pela nota de que nos occupamos; mas, evidentemente, essa demonstração é superflua.

O artigo, firmado Cochet, termina pedindo aos jornaes maçons que não publiquem documento algum relativo á instituição sem se informarem convenientemente da sua autenticidade.

DIA A DIA

Fazem annos:

Amanhã—a exm.ª sr.ª D. Maria Guilhermina Cerqueira Veloso;

Quarta-feira—o sr. Sebastião Antonio Gonçalves d'Oliveira;

Quinta-feira—a exm.ª sr.ª D. Elvira Alvarenga do Valle e os srs. dr. José Barroso Pereira de Mattos e visconde d'Alvellos;

Sexta-feira—o sr. João Emilio de Sousa Garavana;

Sabado—a exm.ª sr.ª D. Amelia Braz.

Estiveram n'esta villa os srs. commendador Joaquim Redondo Pais de Villas Boas, Domingos Pereira Esteves, do Porto; Manoel José Ferreira, que em tempo foi chefe dos guardas fiscaes; e o sr. C. Rite Real, inspector de Fazenda no districto de Braga.

Acham-se restabelecidos de seus incommodos os srs. Augusto Vieira, ajudante do recebedor da comarca, e Mathias Gonçalves da Cruz benquista negociante; assim como o revd.º conego João Baptista da Silva.

A todos o nosso parabem.

Tem passado um tanto incommodado o sr. Evaristo de Villas Boas Sarmiento, cavalheiro muito estimado. Desejamos-lhe promptas meliores.

Estiveram com a «influenza», mas já entraram em convalescença as exm.ªs sr.ªs D. Theozza da Cunha Velho, Sotillo-Maior e D. Maria Helena de Faria.

No principio da semana passada esteve n'esta villa o sr. Castro Neto, official da administração militar com a gradação de tenente coronel.

Tivemos o gosto de ver n'esta villa, na quinta feira ultim, o nosso erudito collaborador, padre João Rosa, dignissimo parochio das Carvalhas.

PELA SEMANA

BOAS FESTAS

Imitando o acto benemerito praticado em Lisboa e Porto, ha já alguns annos, por algumas jornaes, lembramos aos nossos leitores, damas e cavalheiros a obra meritoria de socorrer os pobres por occasião das festas do Natal e Anno Bom.

E' costume os amigos darem-se mutuamente as Boas Festas n'esta epoca enviando bilhetes de cumprimentos, porém nós pedimos a todos, que adhiram a esta ideia, que nos foi suggerida pelos srs. Garmona e irmão, negociantes no Largo da Calçada d'esta villa, enviando os seus nomes, ou a esta redacção ou aos mesmos srs. mencionados, acompanhados da quantia de 200 reis em beneficio dos pobres d'esta villa e Barcelinhos.

A quantia recebida será distribuida commo em lo esta epoca do anno e assim ficam dados as

Boas Festas entre todos os adherentes e dispensados os cumprimentos e visitas officaes e particulares e as remessas de bilhetes.

D'essa distribuição encarregar-se-ha uma commissão composta doa srs.dr. Antonio Miguel da Costa d'Ameida Ferraz, padre Emilio Augusto da Esperança Machado e Francisco Machado Garmona.

Desejando as Boas Festas aos seus amigos subscrevem para os pobres:

- Antonio Miguel da Costa 200 reis. Almeida Ferraz com 200 reis. Padre Emilio Augusto da Esperança Machado 200 » José Julio V. Ramos 200 » Secundino P. Esteves 200 « Francisco Garmona 200 « Manoel A. de Passos 200 « Francisco A. de Faria 200 « J. A. 200 « Antonio Leite d'Oliveira Barros 200 «

Relojoaria David Vasconcellos—Já foi enviado para a Povoia do Varzim o relógio de Torre em que aqui fallamos antes da exposição industrial do Palacio de Crystal. Teve boa accettazione, satisfazendo plenamente aos desejos dos encomendatarios o que honra sobremodo a casa fabricadora e esta villa.

Exposição Industrial—Acha-se determinado superiormente que a exposição do Palacio de Crystal est-ja exposta ao publico até o dia 17 do proximo janeiro.

Banco de Barcellos—Publicamos hoje o balancete do «Banco de Barcellos» em 30 de novembro ultimo, e para elle chamamos a attenção dos interessados, que melhor do que ninguem o avaliarão.

Exposição de Braga—Já fecho a exposição de Braga. Foi digna da capital do Minho, surpreendendo todos os visitantes e até muita gente de Braga.

O sr. Franco Castello Branco pertence ao numero dos surpreendidos, como elle mesmo o declarou alli, promettendo remediar o mal que fez quando reformou as escolas industriaes.

Se todos comprehe dessem o alcance das exposições, não seriam tão raras essas festas do trabalho; mas não é d'isso que tratam os p-chás analphabetos.

No que se pensa é em votos e na barriga...

Fallecimento—No domingo, 13 do corrente, falleceu em Famalicão o sr. dr. João Bernardo do Valle Vessadas, antigo advogado do nos auditorios d'aquella comarca.

Era oriundo da casa de Vessadas em Barcelinhos e tio das exm.ªs esposas do sr. visconde de St.º Antonio de Vessadas e do sr. dr. Eduardo da Silva Salazar.

A's familias enlutadas a expressão sincera da nossa condolencia.—Rua Direita—E' sobre maneira lamentavel o estado da principal rua d'esta villa.

O nosso collega da «Aurora do Cavado» em linguagem cheia de verve et humeur supplica á illustre comara barcellense se digne ordenar os reparos necessarios para que seja transitavel aquella rua; mas parece-nos, que, apesar dos accidentes succedidos a um dos vereadores, debalde clamaremos.

Na esperanza de nos enganarmos n'este nosso juizo, fazemos côro com o collega e pedimos ao illustre senado se compadeça de nós mandando reparar a rua Direita.

Ao sr. vereador do pelouro da iluminação publica pedimos que mande vigiar se os candieiros estão ou não accesos de noite, pois ainda ha poucos dias eram uma verdadeira treva toda a rua Direita e as ruas vizinhas; houve até quem perguntasse se o petroleo tinha acabado.

Banco do Minho—Vae reformar os seus estatutos o Banco do Minho.

Nomeação— Foi nomeado missionario em Meliapor (Asia) o nosso amigo e conterraneo revd.º Manoel Maria de Miranda, da freguezia de Roriz d'este concelho.

Posse—O illustre conselheiro e chefe do partido progressista, sr. José Luciano de Castro tomou no dia 16 posse do logar de secretario geral do ministerio da fazenda.

Mudança de feira—Por ordem da camara e a pedido dos negociantes d'esta villa, foi antecipada para o dia 22 do corrente a feira que costumava fazer-se na vespera do Natal.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

N'esta data envio á redacção da «Gazeta do Povo» a inclusa carta que peço a v. o obsequio de publicar no seu lido jornal.

Barcellos, 19 de dezembro de 1891.

De v. etc. Julio J. Barreto.

Sr. Redactor da «Gazeta do Povo»

Em o n.º 362 do seu lido jornal e sob a epigraphe—Mais um... senhorio! Atavismo—deparei com uma referencia á minha pessoa, completamente inexacta, que não posso deixar passar desapercibida e sem o devido desmentido. Não é verdade que o cavalheiro a quem o seu artigo se refere me tenha dado a encadernar livros do genero que diz a alludida referencia nem eu tenho por costume mostrar os livros que me mandam, nem declarar os nomes dos seus proprietarios.

O publico, e v. que me conhecem, saberão que sou incapaz de faltar á verdade, ou de commetter qualquer indignidade, e por tanto julgarão da minha declaração e da affirmativa gratuita e phantasiada d'um qualquer escriptor anonymo. Barcellos, 19-12-91.

De v. etc. Julio J. Barreto.

COMMERCIO BANCO DE BARCELLOS

BALANCETE EM 30 DE NOVEMBRO DE 1891.

Table with columns: Caixa, Accionistas, Letras descontadas, Contas correntes, Letras caucionadas, etc. Total: 7:620:677

Reis 365:743:067

Table with columns: Capital, Fundo de reserva, Reserva para liquidacoes, etc. Total: 120:000:000

Lucros e perdas 7:886:058 Reis 365:743:067 Barcellos, 5 de dezembro de 1891. Os gerentes, Antonio José Monteiro de Lima, Joaquim de Faria Machado, Domingos de Figueiredo.

ANNUNCIOS

ARREMATACAO

No dia 3 de janeiro de 1892, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca tem de entrar em arremataçao os bens penhorados ao executado Antonio de Paula, viuvo, de Roriz, na execucao que lhe move o Banco de Barcellos, e são:

Movéis

Um carro de chapa estreita aparelhado, avaliado em 2:500 reis. Uma arabiça sem utensilios, avaliada em 500 reis, uma dorna de castanho, ordinaria, avaliada em 600 reis. Um pipo de castanho arcaado de pau, avaliado em 2:500 reis. Um pipo de castanho, avaliado em 1:200 reis. Uma dorna de castanho, avaliada em 800 reis. Uma caixa de castanho com tampa de picho, avaliada em 1:200 reis. Outra caixa de castanho, avaliada em 2:000 reis. Outra caixa de castanho, avaliada em 1:200 reis. 231 l. de agua pé, avaliada em 3:000 reis. No logar do Outeiro, em Roriz, uma morada de casas torres e terras e pertencas e junto eirado de lavradio e horta, avaiado, abatida o foro de 156:357 l. de meado, 34,746 l. de milho alvo que paga a Manoel José de Miranda, da mesina, em 109:360 reis. No mesmo logar e freguezia, o Campo de Paredes de lavradio a aliado, abatido o foro de 52:119 l. de meado que paga o Gilão de Perillal, em 283:840 reis. Campo do Fundão em St.ª Maria de Galteços, avaiado, abatido o foro de 36,375 l. de meado que paga á Quinta do Pinheiro na freguezia d'Alheira, em 60:820 reis.

Por este são citados todos os credores dos executados para assistirem á arremataçao e mais termos do processo. Barcellos, 10 de dezembro de 1891.

Verifiquei a exactão. O juiz de direito, Adelino da Motta. O escrivão ajudante do 5.º officio; Francisco d'Assis Marques d'Arzvedo. (180)

TALHO MUNICIPAL

José de Passos de Jesus Ferreira e João Francisco Pereira, fornecedores de carnes verdes n'esta villa de Barcellos, convidam qualquer pessoa a contratar com elles a troca do cobro recebido no seu talho por prata graúda com o agio de 5%, ou a quem mais barato o faça.

Outro sim pelem aos seus freguezes, para melhor regulamento do serviço, que aquelles que necessistem de carne para consumirem de manhã a mandem procurar na tarde do dia anterior, pois têm o seu estabelecimento aberto durante o dia, com excepção das sextas feiras que fecham ás 10 horas da manhã.

Declaramos tambem que não podendo fazer escripturação detalhada não forneceremos carne senão em pagamento á vista. Barcellos 11 de dezembro de 1891.

Jose de Passos de Jesus Ferreira João Francisco Pereira

**CONCURSO**

A Camara Municipal do concelho de Barcellos abre concurso, por espaço de trinta dias a contar da publicação d'este no Diario do Governo, para o provimento do lugar de secretario da mesma Camara, com o ordenado de 360:000 reis annuaes.

Barcellos, 4 de dezembro de 1891.

O Presidente,  
Augusto Mattos

**ATENÇÃO**

Quem perdeu um anel d'ouro na rua da Palha, d'esta villa, póde procural-o n'esta redacção ou em casa do sr. Domingos Miguel d'Azevedo, no Campo de S. José, que lhe será entregue, dando os signaes competentes e pagando a publicação do presente annuncio.

Barcellos, 18 de dezembro de 1891.

**CARTEIRAS**

Para notas e cedulas, sortimento para todos os preços. A' venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 61, Barcellos.

**KALENDARIO**

**PARA 1882**

Lindos gostos á venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 61, Barcellos.

Quem perdeu uma luneta d'ouro na freguezia de S. Paio do Carvalhal, pode procural-a em casa do sr. Antonio José de Faria, ou em casa dos srs. Figueiredos, de Barcellinhos, que a entregarão mediante a despesa d'este annuncio. (167)

**LECCIONAÇÕES**

Padre Emilio Augusto da Esperança Machado e Antonio Maria Vieira Ramos abriram os cursos de Portuguez, Geographia, Francez e Mathematica elemental 1.ª parte, na rua de S. Francisco n.º 28, onde se acham abertas as matriculas, assim como no estabelecimento do sr. Ferreira Ramos á rua Direita.

Habilitam-se os alumnos tanto para os exames dos seminarios como dos lyceus.

**HORARIO**

Portuguez—das 10,1/2 ás 12 da manhã.

Geographia—das 3,1/2 ás 4,1/2 da tarde.

Francez—das 5,1/2 ás 7 da tarde;

Mathematica—das 7 ás 8 da tarde.

**BREVE NOTICIA**

**SOBRE**

a cultura da beterraba e seu aproveitamento no fabrico de assucar. por J. Torres.

Preço 50 reis.

A' venda em Barcellos, em casa do sr. Manoel Vianna, rua Direita.

**BIBLIOTHECA ELEGANTE**

Esta colleção das obras dos mais laureados romancistas estrangeiros é sem duvida uma das publicações de maior apreço para uma estante escolhida.

A BIBLIOTHECA ELEGANTE, quer litterariamente, quer typographica-mente considerada, não desmente o titulo. Elegantes são as traducções e as edições.

Nem podia ser de outro modo, desde que se destina principalmente ás damas; e que a direcção da publicação está confiada á nossa collega, a distincta escriptora a sr.ª D. Guiomar Torresão.

Lançada a publico o outro dia, esta publicação conta já um grande numero de assignaturas, e o successo de livraria, do primeiro volume, foi um risonho prognostico do seu exito.

Appareceu já o segundo volume; *Henriqueta*, de Coppé, contendo além d'este romance, umas encantadoras *bluettes*; *A Omeleta* de Drag; *A Creança*, de Maupassant; *Morta Sandomil*, de Callette; *Eterno amor*, de Jeanne Wilda; *Aline*, de Paulo Burget.

*Henriqueta*, é verdadeiramente um perfumado idyllio. *A Creança* é o conto de que Maupassant extrahiu o seu drama *Mazotte*, o grande successo do Gymnasio de Paris.

D'este segundo volume, é tambem traductora a sr.ª Torresão. Assigna-se para a BIBLIOTHECA ELEGANTE nos escriptorios da *Companhia Nacional Editora*, Largo do Conde Barão 50 a 54. Lisboa

**MAPPA DE PORTUGAL**

Com a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria

**ALBERTO MONTEIRO**

engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas.

Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construcção.

1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/550:000

200 reIs, envernizado, collado em panno e com reguas

1:000 REIS

CORTADO COLLADO EM PANNO em forma de carteira em um

estojo de cartão 1:000 reIs.

O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaca, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as **bandeiras de todos os palzes.**

1 folha de 1,70m x 0,90m = 40 reIs.

ENVERNIZADO COLLADO EM PANNO e com reguas

1:500 REIS.

O mappa com as vistas só pode ser remetido pelo caminho de ferro accrescendo a despeza de 160 reIs para as linhas do Norte e Leste, e Sul e Sueste, e de 220 reIs para todas as outras.

A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora

**GULLARD, AILLAUD & C.ª**

242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alves do Valle—Campo de S. José.

**PHARMACIA**

DA

Santa e Real Casa da Misericordia

DE

**BARCELLOS**

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.

Grande colleção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

**LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**

DE

Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores.

4, rua de St.º Idefonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

**PATHOLOGIA SOCIAL**

I

O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Abi está o assumpto d'este estudo devido á penna de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbragada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente a isso provem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza. como uma nojenta herpes icuravel. que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor a pathogenense d'essa molestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agourar a este trabalho—novo no seu genero—um successo collossal.

**NOSSA SENHORA DE PARIS**

Romance historico de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas. *Nossa Senhora de Paris*, ressurreição viva da cidade medi, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor. Um grande volume em brochura 2\$400 reis; o mesmo, ricamente, encadernado em luxu-sas capas de percalina, de diferentes cores mandadas fazer expressamente na Allemanha 3\$400 reis; e, se alem de encadernado, liver as folhas douradas, custa 2\$700 reis.

EMPRESA EDITORA DO «RECREIO»  
DEPOSITO—RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 93—ADMINISTRÇÃO  
E TYPOGRAPHIA—RUA DA BARROCA, 109—LISBOA

CARLOS SERTORIO

**NOVELLAS PORTUGUEZAS**

PUBLICAÇÃO MENSAL EM FOLHETO DE 48 A 64 PAGINAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

As «Novellas Portuguezas» serão publicadas isoladamente, em folhetos de 48 a 64 paginas cada uma, pelo módico preço de 60 reis, e saindo uma por mez: de fórma que no fim do anno, o assignante terá dois volumes de 300 paginas cada um, pelo preço de 360 reis. Quasi um real cada pagina!

Toda a obra contém, pois, 12 folhetos que importam ao assignante em 720 reis, formando dois unicos volumes.

Está em distribuição a 1.ª novella «O Caçador Caçado». Em Lisboa, a assignatura póde ser aos volum s ou aos folhetos. Cada folheto, 60 reis.—Cada volume, 360 reis.

Para a provincia, a assignatura é paga adeantadamente, 720 reis toda a obra, devendo declarar-se se o assignante deseja receber aos folhetos ou aos volumes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Romano Torres, editor do «Recreio», rua da Barroca, 109, Lisboa.

**A todas as senhoras do paiz**

NOVO METHODO DE CÔRTE

Em maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras illucidativas sobre medidas, cõrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia. Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illustrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

Vende-ss em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azevedo—Campo da Feira. 93.

**VICTOR HUGO**

**HISTORIA DE UM CRIME**

(TRADUÇÃO D'UM EMIGRADO POLITICO)

Está em distribuição o 2.º fasciculo d'esta magnifica obra historica, illustrada com excellente gravuras de pagina, edição luxuosa

No Porto e Lisboa, distribuir-se ha nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma bellissima gravura, pelo módico preço de 100 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Nas demais terras do reino as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importancia de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Joaquim Ignacio Saraiva, rua do Bomjardim, 272, Porto, onde se recchem assignaturas.

TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»  
Rua de S. Francisco, n.º 28, BARCELLOS.

E' seu editor o sr. Joaquim Maciel, de Roriz.

**VIDA**

DE

D. FREI BARTHOLOEU DOS

MARTYRESM

Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas da Ordem dos Prégadores, etc., etc.

Obra reproduzida na magnifica edição de 1610 feita em Vianna do Castello á custa da mesma cidade. E' repartida em sete livros com a solemnidade da sua trasladação por Frei Luiz de Caezas e reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727. o que bem mostra o seu valor litterario.

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e economicas afim de contribuir para a solemnisação do tricentenario da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Sousa feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seis livros de que é composta, em 3 volumes, o primeiro dos quaes já estão publicados.

Tres grossos volumes Preço 1:800 reis franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os srs. correspondentes terão a percentagem de 2% e, além d'isso, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Forte e C.ª,—56 Rua Nova de Sousa 58, A—Braga.